

**VICENTE**

COLECÇÃO DIRIGIDA POR OSÓRIO MATEUS

---

Ângela Correia  
CLÉRIGO

---

**Quimera**

LISBOA 1989 | e-book 2005



*Segue-se outra farsa de folgar que trata como um clérigo da Beira béspera de Natal determinou de ir aos coelhos e indo pera a caça com um filho seu rezam as matinas.*

*Trata-se outrossi de um vilão que indo vender à corte ãa lebre e uns capões e um cabaz com fruta foi roubado que até o chapeirão lhe furtaram, o qual furto foi descoberto per Cezilia demoninhada em quem deziam que falava um Pedr'Eanes.*

*Foi representada ao muito poderoso e cristianíssimo rei dom João o terceiro do nome em Portugal em Almeirim.*

*Era do senhor de 1526.*

1562, *Copilaçam de todalas obras de Gil Vicente*, 232'-238'

*béspera de natal* é dado do fingimento que pode ou não coincidir com idêntico momento real. No entanto, *de folgar* parece indicar representação sem outro motivo.

*Trata-se outrossi*: o discurso exterior e de memória diferente dá conta da articulação e da diferença. Em nenhuma outra didascália da *Copilaçam*, encontrei algo de semelhante. Não afasto a hipótese de os dois números do auto terem sido separados por corte de qualquer natureza.

*Entra o clérigo com seu filho e diz o filho:*

232c

*. Vós haveis de celebrar  
missa da festa em pessoa  
e nam fazeis a coroa  
antes que vamos caçar.  
pois pai nam haveis de olhar  
que sois clérigo da Beira  
porque já a gente cabreira  
em tudo quer atentar.*

*a festa*, assim dita, nunca é identificada. Esta primeira fala do Filho em que o argumento, já conhecido do leitor pela didascália, é apresentado ao espectador, começa a omissão. Se o texto não sofreu arranjo, a festa deve mostrar-se por outro sinal que só pela didascália se tornou legível. O nome comum pode, no entanto, significar por hábito apenas uma festa (talvez a do Natal).

Clérigo *. Ta mãe ma trosquiará  
nam cures tu de conselhos  
cacemos nós dos coelhos  
que isso à noite se fará.*

232d

Filho *. Sabeis pai que esqueceu lá*

*a foroa?*

Clérigo . *Vai por ela.*  
 Filho . *De ùa légoa hei-d'ir trazê-la  
 melhor viv'eu que lá vá.*

Clérigo . *Pesar da ida e da vinda  
 vai torna pola foroa.*  
 Filho . *Vá lá quem tiver coroa  
 que eu nam na tenho ainda.* 233a

Clérigo . *Creo que a vara há-d'andar  
 se isso vai dessa maneira.*  
 Filho . *Eu nam sou vossa oliveira  
 que a haveis de varejar.*

Clérigo . *Renego dessas repostas  
 vai muito asinha.*  
 Filho . *Eu creo  
 que cuidais que sou correo  
 que vai e vem polas postas.*

Clérigo . *Crê tu se me a mi nam fora  
 que ta mãe logo se assanha  
 já te eu dera ùa tamanha  
 que tu foras logo ess'ora*

*requeiro-te que vás embora  
 ante que se assanha o abade.*

Filho . *Ainda eu nam tenho vontade  
 lá é ela algures fora.*

A história dos atritos entre Vicente e Sá de Miranda é conhecida e começara antes de Clérigo da Beira (Braamcamp Freire 1919, 1944: 230-232). O primeiro número do auto parece ser-lhe dedicada. A corte reconheceria em Francisco, filho de clérigo, o Dr. Sá de Miranda, que era também ambas as coisas: Francisco e filho de clérigo. Quem faz de Clérigo deve ter coroa (mal feita) como modo de identificação; sobre o Filho não consigo ler nada mas a alusão pode passar também pelo vestuário ou trabalho gestual.

Não se percebe bem que espaço é representado. Se por um lado Francisco se refere a fora por oposição ao sítio onde está (*lá é ela algures fora*), o *chouriço* que pretende furtar e a *regueifa do bautismo* que a mãe *tem tascada* só podem ser de dentro. É portanto para dentro que vai.

Clérigo . *Vai Francisco.*  
 Filho . *Si irás  
 ide vós nam tendes pés?*  
 Clérigo . *Filho de clérigo és*

*nunca bo feito farás.*

Filho . *Piores são os de frei Mendo  
e os do beneficiado  
que vão tomar o bocado  
que seu pai está comendo.*

Sá de Miranda era filho de Gonçalo Mendes de Sá, beneficiado da Sé de Coimbra.

Clérigo . *Vai que já está no cortiço  
senam tomá-la e trazê-la.*  
Filho . *Já má hora vou por ela  
mas hei-de furtar chouriço.*

Não sei se o auto foi programado contando com a presença de Sá de Miranda entre o público, mas se lá esteve e se a alusão é clara, ele terá sido por algum tempo material ou figura (muda?) do auto. O mesmo vale para todas as figuras do público cujo nome se diz.

*Vai o moço pola foroa e fica o clérigo antre si dizendo:*

*. Medraria este rapaz  
na corte mais que ninguém  
porque lá nam fazem bem  
senam a quem menos faz.  
outras manhas tem assaz  
cada ùa muito boa  
nunca diz bem de pessoa  
nem verdade nunca a traz*

*mexerica que por nada  
rebolverá sam Francisco  
que pera a corte é um visco  
que caça toda a manada.*

233b

O auto continua explorando o deslocamento entre espaço fingido e espaço real. Perante a corte, finge-se a sua ausência e fala-se dela.

O animal que o Filho traz – ou finge trazer – servirá ao Clérigo para atrair os coelhos para fora das tocas e vem juntar-se às alfaias de caça, possivelmente à vista desde o princípio. Nas *Ordenações Manuelinas*, quando se proíbe a caça dos coelhos e outros animais com *bois, nem com fios d'arame, nem com outros fios*, fala-se de alguns instrumentos: *com cães, nem com beestas, nem ao piado, nem com foram, nem redes, nem com outra ninhã armadilha.*

*Vem o filho com a foroa e diz:*

*. Já minha mãe tem tascada  
a regueifa do bautismo  
andai vós cá pai ao bismo  
que ela nam lhe escapa nada*

Clérigo *. Rezemos matinas logo  
antes que entremos à caça  
que como homem se embaraça  
nela nam é senam fogo.*

Filho *. Matinas de cá da Beira  
ou como quereis rezar?*

Clérigo *. Si pera que é mudar  
cada dia ùa maneira?*

Antone Álvares foi capelão do rei, prebendado na Beira e talvez tesoureiro da capela do infante Luís (Braamcamp Freire; 1919, 1944: 262).

*porque os capelães d'el rei  
que cá na Beira tem renda  
se rezam lá doutra lei  
tem outra lei de fazenda.  
mas Deos dê muita prebenda  
Antone Alvarez que é rezão  
que ele e outros que lá estão  
nos leixaram esta lenda.*

Em 1551, no rol dos livros defesos, *Clérigo* é proibido desta forma: *O auto de Pedr'Eanes por causa das matinas*. Se este nome não alude directamente ao número das matinas, causa da proibição, parece-me estranho, em 1562, o nome de *Clérigo da Beira* mais alusivo às matinas proibidas.

As matinas que se rezam não têm orações, nem lições, apenas vários princípios de salmos (1, 8, 18A, 21, 23, 49, 50, 53, 65, 94, 97, 109, 116, 118I, 120, 121, 123, 124, 125, 127, 128, 147) ditos, em alguns casos várias vezes, ao longo do ano litúrgico durante os ofícios religiosos. Toma-se como material o conhecimento que o público tem da continuação dos mesmos, brinca-se invertendo sentidos apenas evocados. O deslocamento do espaço de proferição, o recorte e colagem dos textos e a mistura de situações são também factores de surpresa e devem ter feito rir. Não consigo restaurar, em alguns casos, o sentido da colagem. Nem todos os salmos são de matinas mas são todos, pelo menos, de tempo adventício e natalício. Os fragmentos de salmos podem ter sido cantados; para isso aponta, a heterometria de alguns versos. Pode ter sido número duplamente misto: latim/português, cantado/não cantado.

Filho . *Nome de Deos começar.*  
 Clérigo . *Pater noster.*  
 Filho . *Que siso*  
*na caça pera que é isso*  
*senam domine labia andar.*  
 Clérigo . *Domine labia mea*  
*tu priol a pé irás.*  
 Filho . *Se cansares assentar-te-ás*  
*pois que nam tens facanea.*

Clérigo . *Venite exultemus*  
*que cões e forão que temos*  
*pera tempo de mester.*  
 Filho . *Domine dominus noster*  
*nos dê com que os manter*  
*e coelhos que levemos.*  
 Clérigo . *Caeli enarrant gloriam Dei*  
*nam cuide papa nem rei*  
*que está no cume da serra.*

Filho . *Domini est terra*  
*que é senhor de toda grei.*  
 Clérigo . *Ora te Deum laudamus*  
*pois que tal menhã levamos*  
*pera provarmos a perra.*

233c

Salmo 65: *Jubilate omnis terra / psalmum dicite gloriae nominis eius ...*

Filho . *Jubilate Deo omnis terra*  
*diz que rezemos e vamos.*  
 Clérigo . *Assi manda Deus Deus meus*  
*e nos dá dia par eles.*

A nova situação em que os textos recortados são inseridos obriga a pequenas modificações. Salmo 148: *Laudate Dominum de Caelis / laudate eum in excelsis.*

Filho . *Lauda dominum de caelis*  
*pois os coelhos são seus.*

Salmo 97: *Cantate Domino canticum nuovum.*

Clérigo . *Cantate diz que cantemos*  
*cantar novo e nam usado.*

Filho . *Cante o beneficiado  
que nós pouco pão colhemos.*

Salmo 116: *Laudate Dominum omnes gentes / collaudate eum omnes populi.*  
O arranjo é necessário a bem do metro. Nuno Ribeiro era o pagador das moradias  
(Braamcamp Freire 1919, 1944: 262).

Clérigo . *Laudate Deum omnes gentes  
laudate Nuno Ribeiro  
que nunca paga dinheiro  
e sempre arreganha os dentes.*

Salmo 120: *Levabo oculos meos in montes: / unde venit auxilium mihi?*  
O arranjo serve o novo sentido que se quer dar ao texto recortado.

Filho . *Levavi oculos meos  
vi que os dinheiros alheios  
muitos os repartem crus.*

Salmo 123: *Nisi quia Dominus erat in nobis.*

Clérigo . *Nisi quia dominus  
nos dará milhores meos.*  
Filho . *Qui confidunt in domino  
tem esperança direita.*  
Clérigo . *In convertendo boa peita  
deste tal nam hajas dó.*

Salmo 127: *Beatus omnis qui timet Dominum.*  
Salmo 121: *Laetatus sum in eo quod dixerunt mihi:*

Filho . *Beati omnes que tem  
que estes podem dizer bem  
letatus sum in iis.*

Salmo 147: *Lauda Ierusalem Dominum.*

Clérigo . *Lauda Ierusalem  
a todo homem que tem  
vinténs tostões e ceitis.*  
Filho . *Saepe expugnaverunt me  
diz Lira na sua grossa  
que é cousa perigosa  
andardes à caça a pé.*



Clérigo . *Se beato immaculato  
m'emprestasse o seu mulato  
mas nam sei se quererá.*  
Filho . *Iam lucis orto si dará  
em que leves ti e o fato.*

Salmo 109: *Dixit Dominus Domino meo: / «Sede a dextris meis, / donec ponam inimicos tuos ...»*

Clérigo . *Dixit Dominus que tinha  
ua muito boa asninha  
nam sede a dextris meis.*  
Filho . *Donec ponam tem seis  
e mais ua mulatinha  
vede se as havereis.*

233d

Salmo 1: *Beatus vir qui non abiit in consilio impiorum / et in via peccatorum non stetit ...*

Clérigo . *Beatus vir que tem sendeiro  
que lhe aparou Deus Deorum.*  
Filho . *Habet consilium impiorum  
nam o emprestar sem dinheiro.*

O jogo faz-se também com os sons. Salmo 53: *Deus in nomine tuo salvum me fac.* O primeiro verso é hipermétrico o que, não sendo estranho no contexto geral do auto, pode apenas significar que o texto litúrgico foi restaurado posteriormente.

Clérigo . *Deus in nomine tuo dê graça  
salva-me na tua faca.*  
Filho . *Com dous arráteis de vaca  
escusaríeis a caça.*  
Clérigo . *Ir à caça cada dia  
aleluia aleluia.*  
  
Filho . *Vamo-nos a bom bispo  
pedrada no teu toutiço.*  
Clérigo . *Oremus.*  
Filho . *Bem faremos.*

*Diz aqui:*

Clérigo . *Venham-me os cães  
as redes e o forão*

*mas o coelheiro não  
que vives e reinas  
na vila do Pedrogão.*

Filho . *Abém.*

A hipometria e o desenho da rima podem explicar-se por inserção de prosa rítmica pré-existente.

Quando o diálogo recomeça, já o Filho voltou com os animais e objectos pedidos ou outros deles significantes.

Clérigo . *Requiescant in pacem.*  
Filho . *Maus pagadores te paguem.*  
Clérigo . *Inducas in tentationem.*  
Filho . *Responda-te Luís Homem.*

Luís Homem, correio-mor do reino desde 1525 (Braamcamp Freire 1919, 1944: 262-3).

Clérigo . *Exaudi orationes nostras.*  
Filho . *Azambujo nessas costas.*  
  
Clérigo . *Pater noster  
torna a casa muito prestes  
e leva esse briviário.*

Se o objecto que passa de mãos é de facto um breviário, não deve ter sido utilizado como no espaço que lhe é mais próprio. Procurar bocados de texto espalhados por todo o livro não seria funcional. No entanto, os gestos podem tê-lo fingido.

Filho . *Em dia dalgum fadairo  
foi quando vós pai nacestes  
porém se eu lá bolver  
benzei-vos se cá vier.*  
Clérigo . *Virás Francisco ora vai  
que filho és de bom pai  
e ta mãe boa molher*  
  
*dize-lhe que se eu tardar  
que tanja a béspora e repique  
muito bem por que nam fique  
a festa sem repicar.  
e há mester que correja  
muito bem essa igreja  
e as galhetas bem sabe ela*

234a

*que hão já mister barrela  
e olhe tudo e proveja*

Tejo deve ser nome de animal existente ou fingido no auto.

*anda Tejo à fragueira  
e dirás a ta mãe mais  
que me guarde os corporais  
que ficam na cantareira.  
e o cales achará  
no almáreo de cá  
atado c'os seus toucados  
e os amitos pendurados  
onde a minha espada está*

*e a vestimenta achará  
dobrada sobre a albarda  
que ponha tudo em guarda  
como ela sabe já.  
e que alimpe bem a pia  
nam asse sempre castanhas  
e tire as teas d'aranhas  
à mártel Santa Luzia*

*e solte a cabra também  
que está presa pola estola  
e logo nam seja tola  
que correja tudo bem.*

Marcos Esteves é um dos capelães do paço (Braamcamp Freire 1919, 1944: 261)  
cuja ausência se finge.

*porque se Deos cá aportar  
Marcos Esteves da corte  
e achar tudo dessa sorte  
vê-lo-eis vós espirar  
ai ai*

*à ribeira que esse é ele  
polos santos evangelhos  
já lhe ele pruem os artelhos  
e se lhe escarrapiça a pele.*

Cão . *Ão ão.*  
Clérigo . *Guard'o cabrão.*  
Cão . *Ão ão.*

Clérigo . *Ora cadela.*  
Cadela . *Au au.*  
Clérigo . *Ei-lo vai pola portela  
sem cadela e sem cão.*

Não seria muito fácil fazer um cão ladrar no momento certo e o tempo necessário, o que não invalida a hipótese da presença de animais. Fugindo a mais trabalhos, o Filho terá começado a afastar-se enquanto recebia novas ordens de quem não estava a vê-lo. Quando o Clérigo o mostra saindo, ele pode já não estar à vista, ou estar prestes a sair por uma portela ou outro lugar de função semelhante e nome mais nobre. Se a representação da distância não passa apenas pelo discurso, o espaço deve ser grande.

*oh arrenego da vida  
perdoe-me Deos consagrado  
algum grande escomungado  
me olhou à minha partida.*

E parte; é tempo de passar a novo número. À leitura, a figura do Clérigo parece manter-se à vista e ser encontrada por nova figura que entra. No entanto, a ficção mostra um ponto de fractura que pode fazer supor outra articulação. No número anterior, o Clérigo está pronto a partir para a caça. Tudo o apressa: *antes que entremos à caça / que como homem se embarça / nela nam é senam fogo; já lhe ele pruem os artelhos / e se escarrapiça a pele.* Quando entra Gonçalo, pelo menos no discurso, a ficção da caça não deixa nenhum traço. A ligação entre os números do auto é apenas feita pela didascália que procura apagar vestígios de corte, facilitando outro modo de consumo: a leitura. O espaço referido pelo discurso é também outro (que eu levo neste paço) e é nele que as novas figuras em cena funcionarão. Francisco e Gonçalo são variações para um mesmo actor.

*Vem um filho dum lavrador e traz um cesto coberto e ùa lebre e dous capões e chegando ao clérigo diz:*

234b

Gonçalo . *Ora Deos vos dê prazer.*  
Clérigo . *Que é isso que levas i?*  
Gonçalo . *Uns marmelos levo aqui  
samicas pera vender.  
e esta lebre pera haver  
dinheiro dos cortesões  
levo este par de capões  
e limões pera os comer*  
  
*qu'eles dinheiro terão.*  
Clérigo . *Pois que vás vender à corte*

*olha bem polo virote  
nam te fies de rascão.*  
Gonçalo . *E rascões que aves são?  
samicas são alguns bichos.*  
Clérigo . *Mas são lobos pera michos  
e raposas de nação.*  
Gonçalo . *Bem hei-de saber vender.*  
Clérigo . *E eles melhor comprar  
se te puderem furtar  
as orelhas hás-de ver.*

Gonçalo diz que se desloca e que se afasta do Clérigo. Adiante, a didascália diz que entram Almeida e Duarte num espaço onde Gonçalo não está ou se finge que não está. No entanto, a fala de Duarte: *Eu vejo vir um vilão*, parece dar continuidade ao que das deslocações se pode supor quando Gonçalo diz:

Gonçalo . *Nam me quero mais deter  
vou-me e Deos vá comigo.*  
Clérigo . *Olha bem por ti amigo.*  
Gonçalo . *Bem sei o que hei-de fazer.*

*Entram dous moços de paço muito louçãos um chamam Duarte outro  
Almeida o qual começa dizendo ao Duarte:*

Se quem escreveu a didascália viu o auto, *muito louçãos* pode querer falar de vestuário e poses (*e cá pregais à boquinha, sombreiro acutilado*) de observação imediata para os espectadores. A menção quer dizer exagero e o discurso que se segue não funciona isolado. Diz-se da corte em jeito de metáfora, mas não só.

Almeida . *A tormenta da má vida  
que eu levo neste paço  
sabes que conta lhe faço?  
que vou nũa nau perdida  
rota pelo espinhaço.*  
Duarte . *Bo dizer é esse porém  
dai a Deos tal apontar.*  
Almeida . *Isso nam será zombar  
já me disse nam sei quem  
bem do vosso motejar.*  
Duarte . *Abasta folguei de ver  
sair-vos Túlio do seo*

*muitos criará o centeo  
mas poucos de tal saber.*  
Almeida . *Logo vos foram dizer  
que era eu ratinho senhor.*

Tomar cor é sinal de embaraço que terá no auto correspondente mais gestual que cromático. Veja-se também Gonçalo quando lhe falam de amores.

Duarte . *Nam sei vós tomastes cor  
eu nam sei que isso quer ser*  
  
*e vejo-vos mano morto  
e tendes ar de mirrado.*  
Almeida . *Vós estais mais aguçado  
que canivete do Porto  
viva o conde do Redondo  
que lhe furtais quanto tendes  
mas da sua Graça Mendes  
vos acho eu todo mondo.*

Duarte . *Logo falais per mondar  
como homem daquela terra  
já vós veríeis na serra  
algum gadozinho andar.  
nam digu'eu par'ó guardar  
senam ve-lo-íeis pacer  
e para vosso prazer  
sabereis assuviar.*

Almeida . *Per muitas formas zombais  
formas bem as conheceis  
olhai nam vos demudeis  
primeiro que me entendais.*  
Duarte . *Assi como bafejais  
ainda me cheirais a nabos.*  
Almeida . *Bem parece que a dous cabos  
coseis tudo o que falais.*

Outros testemunhos quinhentistas falam desta corte de nobreza mais aparente que real. O espaço representado ganha novas funções.

Duarte . *Eu vejo vir um vilão  
hei-o certo d'abraçar  
porque se pode acertar  
que será algum vosso irmão.*

Gonçalo . *guarda-porcos dá cá a mão.  
Nunca os eu guardei per mi  
mas já eu a vosso pai vi  
morder bem mau cordovão.*

Almeida . *Parece-me que por sua arte  
vos sacode ele a badana.  
dos michos desta somana  
te dou vilão minha parte  
olhai cá senhor Duarte.*

Duarte . *Almeida que me quereis?  
tantas cousas pareceis  
que nam sei de qual me farte*

234d

*porque é certo que eu vos vi  
levar já merenda à vinha  
e cá pregais à boquinha  
coma dom priol daqui.  
e propriamente assi  
sabeis todo à narizinhos  
e onde fordes vezinhos  
grande frio fará ali.*

Gonçalo . *Bofá vejo eu portugueses  
da corte muito alterados  
mais propincos dos arados  
que parentes dos Meneses.*

Duarte . *Ó fideputa avisado  
e o vilão é castiço  
o rapaz papa chouriço  
rapaz mouro engragueijado.*

*Sombreiro acutilado* é traço da caracterização que começa e talvez fique pela cabeça.

Gonçalo . *Vós sombreiro acutilado  
cuidareis que sois alguém  
pois vos eu conheço bem  
falai vós mais conchavado.*

Duarte . *Rapaz és tu namorado?  
ora fala sem sabor  
rapaz que mudas à cor.*

Gonçalo . *Ora estais bem aviado.*

Almeida . *Vendes a lebre vilão?*

Gonçalo . *Si fidalgo.*  
Almeida . *Mostra cá  
quanto a dás? que custará?*

De novo há animais no auto: lebre e galos ou representação deles. Transportam-se, passam de mãos, pousam-se, corre-se com eles.

Gonçalo . *Samicas meo tostão.*  
Almeida . *E no cesto que tens lá?*  
Gonçalo . *Trago aqui estes capões  
e bôs marmelos valentes  
se deles fordes contentes  
e er também trago limões  
pera aguçardes os dentes.*

*Enquanto Gonçalo se abaixa a descobrir o cesto pera mostrar tudo o que traz, fuge Almeida e leva a lebre e Gonçalo achando-a menos diz:*

. *E a lebre que foi dela?*  
Duarte . *Que sei eu?*  
Gonçalo . *U lo parceiro?*  
Duarte . *Nam te deu ele o dinheiro?*  
Gonçalo . *Pardeos de graça vai ela  
lá a leva ele o escudeiro.*  
Duarte . *Vai vai correndo asinha  
que inda agora vai per i.*  
Gonçalo . *Olhai-me vós per'equi  
porque ela nam era minha  
e é mal perdê-la assi.*

235a

A ficção supõe que Gonçalo já não ouve a fala seguinte. Deve ser este o momento em que Duarte faz o que conta a próxima didascália.

Duarte . *Oh que gostoso vilão  
e que boa festa temos  
Almeida e eu partiremos  
como irmão com irmão.*

Gonçalo, sozinho, faz um percurso circular que pode ser entre o público e que pode incluir no auto, pela interpelação, figuras dele. A ser assim, ter-se-á previsto a presença de uma mulher vestida de amarelo. Mais difícil é perceber as outras previsões ou as diferenças (cómicas) entre o que o discurso diz (*vós do saco de palha; senhor sapateiro*) e o que se aponta.

Gonçalo . *Ou molher do amarelo*



*vistes cá se vem à mão  
um fidalgo terrastão  
com ùa lebre no capelo?*

*ou vós do saco de palha  
vistes-me cá minha lebre?  
ó dou-me a Deos que me leve  
nam hei-d'achar ne' migalha.  
dizê senhor sapateiro  
a minha lebre vai cá?  
pera que é buscá-la já  
dou já ò demo o escudeiro*

*leve-a por amor de Deos  
pola alma de meus finados  
porque lhe somos obrigados  
eu e todos meus heréos*

*Duarte, tanto que Gonçalo se partiu a buscar a lebre, foi-se e levou o  
cesto e os capões.  
e diz Gonçalo quando nam acha novas da lebre:*

*peor é que me dá cá  
na vontade que os capões  
foram c'os outros rascões  
caminho da ira má*

*pardeos tal vos é ela a vós  
isto é o com que eu renego  
fezera mais um galego  
na meta de uns matos sós.  
ùã escândola com'esta  
enche de birra a pessoa  
nem tal chufa nam é boa  
pera béspera de festa*

235b

*como assi se usa cá  
ai eramá que é mal  
que quem furta um furto tal  
outro melhor furtará.  
as almas dos cortesões  
são coma nau sem governo  
porque cuidam que o inferno  
que se come com limões*

*o carmelita nos sermões  
bem lhes mostra o paraíso  
mas tanto vem eles isso  
como eu vejo os meus capões.*

*Indo assi Gonçalo tornando-se pera a sua aldeia torna a achar o  
Clérigo o qual lhe diz:*

A didascália conta que o discurso de fúria se faz a andar. A aldeia apenas se mostra à leitura mas, se é dado do auto, outros sinais significaram aquele destino.

O Clérigo, neste segundo número, é ponto fixo: chega-se a ele (*chegando ao Clérigo*), acha-se (*torna a achar o Clérigo*), é deixado (*apartando-se do Clérigo*), nunca entra nem sai, mesmo quando a ficção o permitiria esperar. Deve estar sempre visível entrando ou saindo do espaço de representação, conforme Gonçalo se aproxima ou se afasta dele. Entre o público? É a última vez que fala.

Clérigo . *Já tu Gonçalo vendeste  
asinha tu despachaste.*

Gonçalo . *Praza ao mártire Sant' iaste  
que nunca lha lebre preste  
abaste eu nam fui sesudo.*

Clérigo . *Conta rogo-to Gonçalo.*

Gonçalo . *Mais porei eu em contá-lo  
que eles em furtar-me tudo.*

Clérigo . *Estava isso mau de ver.*

Gonçalo . *Sois profetego padrinho  
mas se eu torno outro caminho  
nam há ela assi de ser.  
porém quereis-me dizer  
um responso ou ãa aquesta  
que m'apare Deos a cesta  
e dar-vos-ei do que tiver.*

Clérigo . *Si queres miracula ver  
torna lá c'um par de patos  
que se os capões vão baratos  
estes assi hão-de ser.*

Não é a primeira vez que o texto surpreende pela variedade métrica e não será a última. Dominando a redondilha maior, a medida dos versos é muito

irregular e oscila entre o verso de cinco sílabas e o de arte maior. O verso de pé quebrado e o de duas sílabas soltas também ocorrem.

*calamitas daemones há-de trazer  
porém o dinheiro será de mau mês  
caedunt mare vincula res  
que perdunt quanto vieres vender*

*quero ora ir catar  
cousa que me mate a brasa.*  
Gonçalo . *Eu nam ousa de ir a casa  
meu pai há-me-de coçar.*  
Clérigo . *Espera-me a par do lugar  
e eu irei lá contigo  
e rogar-lhe-ei como amigo  
que nam te deixe de dar*

235c

*se topares lá em fundo  
um negro põe-te a recado  
porque é um perro malvado  
o maior ladrão do mundo.  
nam olhes no que falar  
que é muito falso o cabrão  
olha por teu chapeirão  
porque ele há-te-d'atentar  
se tens tu olhos ou não.*

Segue-se um número musical de que apenas resta resumido apontamento na didascália que introduz o seguinte. A linguagem que o Negro vai utilizar é típica. Talvez também o que canta o seja.

*Indo Gonçalo seu caminho apartando-se do Clérigo topa um Negro grande ladrão.  
e entra cantando buscando um mulato e diz Gonçalo depois de cantar o Negro:*

. *Dize negro és da corte?*  
Negro . *Qu'esso?*  
Gonçalo . *S'és da corte.*

Como acima ficou transcrito, a didascália inicial data o auto de 1526 e localiza-o em Almeirim. No entanto, só em Setembro de 1529, Francisco Tibau, desembargador da Casa do Cível, é nomeado corregedor dos feitos crimes de Lisboa (Braamcamp Freire 1919, 1944: 258). É com esse título que o auto o nomeia.

Negro . *Já a mi forro nam sá catibo  
boso conhecê Maracote?  
corregedor Tibao é  
ele comprai mi primeiro  
quando já pagá a rinheiro  
deitá a mi fero na pé*

*é masa tredora aquele  
aramá que té ro Maracote.*

Fala de negro não é novidade no teatro de Vicente. Paul Teyssier descodificou em 1959 (227-250) o discurso deste e dos outros. A nova figura acabou de se apresentar livre mas antes escravo do corregedor, de quem não gostou. Vai agora interessar-se pelo furto.

Gonçalo . *Mais tredoro era o rascote  
quem me a mi furtou a lebre.*  
Negro . *Que é qu'esso que te furtai?*  
Gonçalo . *Ūa lebre de meu pai  
de meu cunhado uns capões  
e marmelos e limões  
abonda tudo lá vai.*

Pela segunda vez se utiliza, como material do auto, texto litúrgico em latim. É possível reconhecer um *Pater Noster*. Leia-se *pari passu*: *Pater noster, qui es in caelis: sanctificetur nomen tuum: Adveniat regnum tuum: Fiat voluntas tua, sicut in caelo, et in terra. Panem nostrum quotidianum da nobis hodie: Et dimitte nobis debita nostra, sicut et nos dimittimus debitoribus nostris. Et ne nos inducas in tentationem sed libera nos a malo.*

Negro . *Jesu Jesu Deoso consabrado  
aramá tanta ladrão  
Jesu Jesu um caralassão  
Furunando sá sapantaro  
Jesu cralassão Pato Nosso  
santo paceto ranho tue figo  
valente tue sinco cego  
salva tera pão nosso quanto dão  
dá noves caro e debrite nose  
debrita noses já libro noso galo  
amen Jesu Jesu Jesu*

235d

Em algumas zonas da mistura de idiomas, parece emergir um novo sentido mas, tanto quanto consigo perceber, deve ser pontual e não totalmente gramatical.

O espanto (*sapantara*) do negro Fernando (ou *Furunando*, *grande ladrão*), que só Gonçalo não identificou com o descrito pelo Clérigo, e a constante emergência de texto litúrgico devem fazer rir a assistência pelo contraste de atitudes.

*sapantara Furunando  
dize rogo-te falai  
conhecê tu que furtai  
porque tu nam bruguntando?*  
Gonçalo . *Perguntarei por meu pai.*  
Negro . *Cal-te Deoso cima sai  
que furtai ere oiai  
Deoso nunca vai dormi  
sempre abre oio assi  
tamanha tu sapantai*

O Negro diz que o roubo é uma actividade inútil que aliás não pratica. E justifica-se em longa ladainha de metro irregular. *rirá* (dirá) é verbo declarativo que introduz discurso directo e não será a última vez.

*guarda m'ar eso mal  
e senhora prito santo  
nunca rirá home branco:  
Furunando furatá real.  
nam sabe mi essa carera  
para quê para comê?  
muto comê mutô bevê  
turo turo sá canseira*

*dirá mundo turo canseira  
senhor grande canseira  
home prove canseira  
muiere fermoso canseira  
muiere feo canseira  
negro cativo canseira  
senhoro de negro canseira  
vai misa canseira  
pregação longo canseira  
crérigo nam tem muiere canseira  
crérigo tem muiere  
grande canseira  
firalgo solto canseira  
chovere muito canseira  
nam podê chovere canseira  
muito filho canseira  
nunca pariro canseira*

*papa na Roma canseira  
essa ratinho canseira  
nam vamo paraíso grande grande  
grande canseira  
vira resa mundo turo turo  
é canseira*

236a

*mi nam falá zombaria  
pos para que furtá  
que riabo sempre sá  
abre oio turo ria  
mi buscá mulato bai  
ficar abora ratinho?*

Diz que vai procurar um mulato, Gonçalo vai-lhe dizendo que fica à espera e o Negro já deve ter saído quando são escondidos os objectos enumerados: *chapeirão, cinto, esmoleira*. A *mouteira* esconderijo pode ser objecto pré-existente ao auto e próprio das funções reais do espaço. O Negro deve ser visto pelo público a espreitar.

Gonçalo . *Eu aguardo meu padrinho  
que vá comigo a meu pai*

*e vou ao rio perém  
porque hei sede e beberei  
e sicais que nadarei  
enquanto o clérigo vem  
leixarei o chapeirão  
metido nesta mouteira  
e o cinto e esmoleira  
porque lá logo o verão  
nam me aqueça outra tal feira.*

Pode ser *verão* tempo da representação, *verão* tempo representado, *verão* de uma expressão proverbial ou futuro do verbo ser.

*Espreita o Negro como Gonçalo esconde o chapeirão e o al e tanto que se vai entra dizendo:*

*. A mi abre oio e vê  
ratinho tira besiro  
ere dexe aqui condiró  
nam sei onde ele metê.  
senhora santo Francico  
santa Antónia sam Furunando*

*pois mi há-d'andar buscando  
e levarê ele na bico  
o seuro santa Maria*

Leia-se de novo pari passu: *Salve, Regina, mater misericordiae, vita, dulcedo et spes nostra salve. Ad te clamamus, exules filii Euae. Ad te suspiramus gementes et flentes in haec lacrimarum valle. Eia ergo, advocata nostra, illos tuos misericordes oculos ad nos converte. Et Jesum benedictum fructum ventris tui, nobis, post hoc exilium, ostende. O clemens, o pia, o dulces Virgo Maria. Ora pro nobis, sancta Dei Genitrix. Ut digni efficiamur promissionibus Christi.*

Mantenho na transcrição desta prosa o desenho da impressão de 1562 por poder conter indícios do modo de proferição.

*sabe à regina matao  
misericoroda nutra dumcego sável  
até que vamos a oxulo filho de  
goa alto sosopeamos jámentes  
já frentes vinagre que le quebra-  
ram em balde já ergo a quarte  
nossa há ilhos tue busca cordas  
oculos nosso convento e jeju  
com muito fruta ventre tu já  
tremes já pias seuro santa  
Maria dinheiro me lá darão  
que é vê esa carta dá-me mucho  
que furte cantará Furunando*

236b

*Acabada assi esta Salve Regina acha o Negro o que Gonçalo leixou escondido e diz:*

Diz que muito rezara para tão pouco proveito, deseja além do capote, um pelote e um barrete – vestuário de inverno.

*ei-lo aqui sá Deoso graça  
graça Deoso esse é capote  
nunca dexá aqui palote  
ratinho quem te forcasse.  
aramá que té ro vilão  
que palote saba são  
barete também bo era  
mi cansai e a deradera  
a mior fica sua mão  
vejamos bolsa que tem*

*um pente para que bó?  
três ceitil sá qui só  
ratinho nunca bitém.  
o riabo ladarão  
corpo re reso consobrado  
essa vilão murgurado  
sá masa prove que cão*

A bolsa de Gonçalo constitui novo desapontamento e pretexto para falar de bolsas mais recheadas, ou seja, dos responsáveis pelos dinheiros do reino: Fernand' Álvares, tesoureiro mor do rei, Nuno Ribeiro, pagador das moradias, Marcos Esteves, esmoler (Braamcamp Freire 1919, 1944: 245, 261, 262). O Negro põe-nos a falar em discurso directo e dialogando com figuras femininas que ele próprio interpreta. Talvez seja número de imitação.

*quando bolsa mi achase  
Fernad' Álvaro esse si  
nunca pente sá ali  
ah reso quem te furtase  
bolsa Nuna Ribeiro  
home vai buscá rinheiro  
a toro ere rize:  
já rinheiro feito é  
aramá que té ro gaitero*

*Fernad' Álvaro m'acomenta  
ele nunca rize não  
logo chama cá crivão:  
crivaninhai esormenta  
toma rinheiro vás ambora.  
voso home de be que busacai?  
mi da cureiro agarbá sai.  
boso que buscai corte agora?*

236c

*buscai a rei jão João  
pagá minha casaramento.  
dá cá moso trae esormento  
crivaninhai boso crivão  
home tomai um dos quatro sete  
vás ambora turo turo.  
sua rinheiro sa seguro  
mioro que ele promete*

*Marco Estaves moladeiro*



*ele rize: santa Maria  
dinheiro boso queria?  
bai bai dormir paieiro  
boso que pedir muiero?  
tanta filho mi tem qui.  
quem manda boso pari?  
boso grande parideiro*

*boso seria muito bó  
vaca ne Francico paia  
tenha seis filho e mi só  
nam temo comere nimigaia*

*Ele rize:  
que culpo tem a rei jão João  
boso pari como porco?  
bai buscai sua pai torto  
que dai a sua fio pão.  
Velha que boso querê?  
mola que a mi pobre sai*

*Ele rize:  
porque boso nam guardai  
rinheiro que boso bebê?  
Jeju Jeju moladeiro  
sá riabo aquela home  
quando a mi morê da fome  
nunca busucái sua rinheiro*

*porém graça Reos a mi  
nunca minga que furtá  
pouco cá pouco relá  
pouco requi pouco reli  
grão e grão galo fartá.  
quem furtá home sesuro  
e louvar a Reoso com turo  
e senhora Prito Santo  
a mi bai furtá em tanto  
camisa que sá na muro.*

236d

Gonçalo, enquanto se desloca, parece dizer que não é verão nem Janeiro, mas que a água está fria. A ficção não hesita em o pôr a nadar. Quando o furto é descoberto, Gonçalo deve ter parado junto ao esconderijo. Talvez esteja de joelhos e toque o que os demonstrativos apontam de perto.

*Vem Gonçalo tremendo com frio e diz:*

*. Mui mau nadar faz verão  
até meado o Janeiro  
mas agora é o ribeiro  
que corta homem como cão.  
Jesu e o meu chapeirão  
e o cinto e esmoleira  
pois esta era a mouteira  
e este é o mesmo chão*

*agora merecia eu  
um par de trochadas boas  
porque fiar nas pessoas  
nunca outro fruto deu  
bem vi eu que o guineu  
me viu tudo aqui deixar  
mas o seu negro pregar  
me levou a mi o meu*

*quem se faz mais verdadeiro  
crede que é o mentiroso  
e nunca vistes medroso  
que nam finja de guerreiro  
e o ladrão de piadoso  
já todo o mundo é raposo  
já nam há i que fiar  
a mim mesmo hão-de furtar  
se m'eu daqui nam m'acosso.*

Começa o número mais popular no séc. XVI, a julgar pelo nome que lhe é dado no rol dos livros defesos de 1551: *auto de Pedr'Eanes*. O novo número só faz tábua rasa do que aconteceu no primeiro; a tudo o resto faz alusão, talvez tentando solucionar a continuidade.

*Roubado assi Gonçalo vem ãa velha sua dona e traz consigo Cecília da Beira em que fala Pedr'Eanes. Entra a velha e diz:*

*. Amara do meu fadairo  
vi Fernando neto meu  
qu'è do que teu pai te deu  
que lá contou o vigairo  
quão pouco trazes do teu.  
e teu pai é tam cruel  
e tua mãe tam sandia*

237a

*que trouxe da estrebaria  
ũa vara d'azemel  
pera te tirar a azia*

*quando vi tamanha aquela  
trago esta demoninhada  
a Cezília nomeada  
fala Pedr'Eanes nela  
e descobrirá a cilada*

A Velha, que é também avó mas que nunca assim é chamada, trouxe Cezília e Pedr'Eanes para proteger Gonçalo da fúria dos pais, informados pelo Clérigo. Do Negro sabia a avó porque o vira.

*Pedr'Eanes.*

Pedr'Eanes . *Aqui estou*  
Velha . *E aqui haveis d' estar  
e haveis-vos d' assentar  
e pois sabeis quem roubou  
meu neto fazei-lho achar.*

Anuncia-se nova entrada de figuras já estreadas no auto. Mas o assunto furto durará pouco, Pedr'Eanes é como as sortes que se costumavam tirar ao fim do serão na corte: sabe o passado, o futuro e o presente oculto. As outras figuras ajudarão a provar a eficácia do demónio e ajudarão às respostas, perguntando.

Pedr'Eanes . *Nam há muito de tardar  
mas logo aqui virão ter  
quem isso lhe foi fazer  
e se quiserem pagar  
eu bem lho hei-de dizer.*

Gonçalo . *Que é o que me furtaram?  
vejamos se adivinhais.*

Pedr'Eanes . *Dous mancebos te enganaram  
e os limões que te levaram  
venderam por seis reais*

*e ãa moça corcovada  
está agora depenando  
o capão de tua cunhada  
e o outro se está assando  
e a lebre pendurada.  
ainda por mais sinal  
cobriram-na c'um sombreiro  
em casa dum alfaiate.*

Gonçalo . *Que besteiro é este tal  
este é o dexemo inteiro  
em trajos de carafate*

*mais hei hoje de saber  
pois m'eu acho aqui à mão  
assi Deos te dê prazer  
que tu me queiras dizer  
s'hei-de casar cedo ou não.*

Gonçalo casará pelo Natal e se este momento do auto desliza para maior compromisso com o presente real da corte, não é tempo de Natal que a corte vive.

Pedr'Eanes . *Casarás polo Natal  
com molher sem tua perda  
seu corpo como cristal  
e achar-lhe-ás um sinal  
no meio da coxa esquerda*

237b

*e tem na teta direita  
um lûar com três cabelos  
pola cinta muito estreita  
de ùa nádega contreita  
e zambra dos cotovelos.*

Gonçalo . *Nam hei-de casar dessa arte  
nem Deos nam há-de querer.*

Pedr'Eanes . *Esta mesma hás tu d'haver  
nem cases em outra parte  
senam pouco hás-de viver.*

Velha . *Bento e louvado serás  
Deos e a virgem da Franqueira  
que me tirou de canseira  
de casarás nam casarás  
sei freira nam sejam freira.*

Pedr'Eanes . *Pois que vós isso dizeis  
e nam me preguntais nada  
antes de um ano e um mês  
vós haveis de ser casada  
c'um criado do marquês.*

Velha . *Agora me quero eu rir  
sabedes vós isso certo?*

Pedr'Eanes . *Digo que estais tam perto*

*como eu de me partir  
pera o meu negro deserto.*  
Velha . *Pedr'Eanes nam vos vades  
rogo-vo-lo que ainda é cedo  
sabedes vós eu hei medo  
serem isso vaidades  
e essoutro estar-se quedo.*

*Vem Duarte e Almeida*

Duarte . *Mantenha vos Deos Branc'Anes  
Deos vos dê sempre boa hora.*

Velha . *Não faleis em Deos agora  
porque está aqui Pedr'Eanes  
que chegou agora est'hora.*

Duarte . *A ele buscamos senhora  
que o havemos bem mester  
e dar-lh'emos d'alma em fora  
tudo quanto ele quiser  
que o leve muito embora.*

237c

Velha . *Pedr'Eanes a um grou  
achará o rasto no ar  
pois que me ele foi achar  
que velha assi como estou  
hei ainda de casar.  
creo-lho polo que vejo  
porque eu sou muito sadia  
e tenho a pele macia  
coma costas de cranguejo  
ou lagosta da Atouguia*

*e tenho minhas arnelas  
ponde-m'ora aqui a mão  
mancebo e haj'eu perdão  
ainda eu como co' elas  
ũa posta de cação  
o bafo a Deos louvores  
é coma algálea da Arruda  
or'eu farei outras cores  
porque hei-d'entrar em muda  
como fazem os açores  
então venham meus amores.*

Duarte . *Pedr'Eanes.*

Pedr'Eanes . *Aqui estou.*  
 Duarte . *Estai por amor de mi  
 e nam vos vades daqui  
 porque minha fé vos dou  
 que somos vossos enfim.*  
 Pedr'Eanes . *Se quereis levar na mão  
 isso por que me buscastes  
 pagai a este vilão  
 a lebre que lhe tomastes  
 e três vinténs por capão*  
*e um tostão dos marmelos  
 e pagai-lhe seus limões.*  
 Velha . *Parece-me a mi rascões  
 que vos tornais amarelos.*  
 Duarte . *Paguemos-lhe três tostões.*  
 Almeida . *Duarte tendes vós i  
 dinheiro na faldriqueira.*  
 Duarte . *Eu vendi patos na feira?*  
 Almeida . *Nem eu tam pouco os vendi  
 nem tenho eira nem beira.*  
 Pedr'Eanes . *Gonçalo sei tu lembrado  
 que dixeste que por Deos  
 lhe havias por perdoado  
 pola alma de teus heréos  
 e nam te devem cornado*  
*vai pedir o chapeirão  
 ao negro do Maracote.*  
 Gonçalo . *Ora fiaí de rascão  
 que farpa todo o pelote  
 e nam se farta de pão.*  
 Almeida . *Já nós somos sabedores  
 que é mui'to teu poder  
 e queríamos saber  
 planetas dalguns senhores  
 e sinos de seu nacer*  
*e a que são inclinados  
 per sua costolação  
 e quais são mais namorados  
 e assi os que o nam são  
 por que são desnamorados  
 e também as condições*

237d

*de que planeta lhes vem  
declarado por itém.*  
Pedr'Eanes . *Dizei embora rascões  
qu'eu sei isso muito bem*

*porque per ostrolomia  
conheço os seus nacimentos  
e pola filosomia  
sei tôdolos pensamentos  
que trazem na fantasia.*

O conde de Penela, velho fidalgo; Afonso de Albuquerque, filho legitimado e muito rico do herói; o embaixador do imperador; o conde de Marialva, vedor; o velho Vasco de Foes; o Conde do Redondo; Jorge de Melo, monteiro mor do reino; Gaspar Gonçalves, filho de lavrador e alcaide mor da vila de Sintra; e também Brez'Eanes (Braamcamp Freire 1919, 1944: 136-174); se tudo correu como previsto, todos lá estiveram ouvindo falar de si, como em outros autos. Das senhoras não se chega a falar.

Duarte . *Qual é o mor namorado  
de Portugal e Castela?*  
Pedr'Eanes . *É o conde de Penela  
mas anda dissimulado  
por amor da sua estrela.*  
Almeida . *O senhor embaixador  
do César emperador  
creo que naceu no céu.  
mas se na terra naceu  
qual planeta em seu favor  
foi a que lhe aconteceu?*

Pedr'Eanes . *Naceu ãa noite clara  
quando a lãa aparecia  
e Vénus tomava a vara  
com que as graças repartia  
como em ele se declara.  
e estando assi lustrosa  
o fez tam sábio e humano  
de condição tam graciosa  
que nam tem em nada grossa  
senam só ser castelhano.*

238a

Conta o auto com que o Conde de Marialva esteja ainda vivo à data da representação. Assim, entre a data da nomeação de Francisco Tibau para corregedor e a data da morte do conde, isto é, entre 12 de Setembro de 1529 e

19 de Fevereiro de 1530, deve o auto ter sido representado. Braamcamp Freire (1919, 1944: 260) aventa duas hipóteses: Natal de 1529 ou 15 de Fevereiro, ao nascimento da infanta Beatriz. *Clérigo* parece-me ter pouco a ver com os outros autos de Natal e a menção do nascimento, tanto quanto a do Natal, seria de esperar na didascália inicial. Por outro lado, o erro tipográfico não é fácil de explicar, tanto mais que a nova datação implica nova localização. Entre Setembro de 1529 e Fevereiro de 1530, a corte não estava em Almeirim mas em Lisboa. O rol de 1551, que proíbe o auto de Pedr'Eanes, pode ter levado à confusão voluntária de dados, tal como à mudança de nome.

- Duarte . *O conde de Marialva  
sabes quanto há-de viver?*
- Pedr'Eanes . *Mau é isso de saber  
que ele nam é flor de malva  
que apodrece sem chover.  
com todas suas feridas  
e muito enferma canseira  
contratou-se de maneira  
que Deos lhe deve três vidas  
e esta é inda a primeira.*
- Almeida . *Do vedor é necessário  
saber a planeta sua.*
- Pedr'Eanes . *Sua planeta é a lûa  
o sino é sagitário  
com ùa frecha da tabua.  
tem fôlego como gato  
digo vida perlongada  
porém nam coma de pato  
senam só ùa talhada  
inda que custe barato.*
- Duarte . *Sabes quantos anos há  
que Vasco de Foes é nado?*
- Pedr'Eanes . *Quando foi a do Selado  
era ele mancebo já  
mas nam era tam barbado.*
- Almeida . *O senhor conde meu senhor  
do Redondo em que estrela  
ou que planeta é aquela  
que o fez tam sabedor  
pera que adoremos nela?*
- Pedr'Eanes . *Esse conde e outros assi*



- por agora hão-de ficar  
d'outrem podeis preguntar  
mas eu tornarei aqui  
e vós me ouvireis falar.*
- Almeida . *Afonso d'Albuquerque irmão  
que foi ao emperador  
que signo tem por senhor  
e porque a sua condição  
nam pudera ser melhor?* 238b
- Pedr'Eanes . *Mercúrio é a sua estrela  
e será bem esquençado  
se jogar jogo assentado  
porém se jogar à pela  
nam lhe ficará cruzado.*
- Duarte . *Eu tenho Jorge de Melo  
por um padre sam Gião  
traz sempre contas na mão  
mas nam sei lá no capelo  
como vai à devação.*
- Almeida . *Ele reza pola rua  
que traz contas todo o dia  
ou é por galanteria?*
- Pedr'Eanes . *Mui boa vontade é a sua  
mas o cuidado o desvia  
reza mais que cinco donas  
a Deos se está sem paixão.*
- Duarte . *Que lhe pede na oração?*
- Pedr'Eanes . *Que lhe dê sete atafonas  
à porta de Sant'Antão  
e que lhe dê tanto gado  
como Isac trazia  
e uma capitania  
com que fosse tam honrado  
como ele merecia.*
- Almeida . *Gaspar Gonçalves Pedr'Eanes  
em que signo naceria  
faze-me esta obra pia  
e olha que nam me enganes  
porque vai sobre perfia  
desejo sabê-lo em cabo.*

Pedr'Eanes . *Naceu no escorpião  
afaga-vos co'a razão  
mas despeja-vos c'o rabo  
no cabo da concrusão.*  
Duarte . *E Brez'Eanos guardador  
das damas qu'es perro viejo?*

Pedr'Eanes . *Esse Brez'Eanos senhor* 238c  
*o seu signo é do cranguejo  
porque anda a través do amor  
e a través do desejo.  
e é tomado da lũa  
muito seco dos espiritos  
porque há i signos malditos  
que nam tem graça nenhũa*

Desta nova acção que Pedr'Eanes promete para o domingo que se segue, se aconteceu, não se identificou notícia.

Como se usa no *Cancioneiro Geral*, o *Fim* é graficamente tratado como figura e diz que se não cante à despedida, como quem pede excepção.

Fim *e ao que quereis saber* 238d  
*das damas e amadores  
o domingo que vier  
eu direi quanto souber  
delas e seus servidores.  
insinar-vos-ei então  
cantigas com que folgueis.  
e agora nam canteis  
fique por concrusão  
que esse dia cantareis.*

*Deo gracias.*

## Referências

- Anselmo Braamcamp Freire  
1919 *Vida e Obras de Gil Vicente «Trovador, Mestre da Balança»*  
1944 reedição  
Lisboa: Ocidente
- 1521 *Ordenações Manuelinas*  
1799 reedição  
*Ordenações do Senhor Rey D. Manuel*  
Coimbra: Real Imprensa da Universidade  
1984 edição fac-similada de 1799  
Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Paul Teyssier  
1959 *La langue de Gil Vicente*  
Paris: Librairie C. Klincksieck
- Gil Vicente  
1562 *Compilaçam de todas as obras*  
1928 reimpressão fac-similada  
Lisboa: Biblioteca Nacional